

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Wagner Zanelatto

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO COM PESSOAS QUE
APRESENTAM DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA PROPOSTA!**

**São Paulo
2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Wagner Zanelatto

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO COM PESSOAS QUE
APRESENTAM DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA PROPOSTA!**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Valdeci da Silva Santos.

São Paulo
2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Z028a	<p>Zanelatto, Wagner.</p> <p>ACONSELHAMENTO BÍBLICO COM PESSOAS QUE APRESENTAM DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA PROPOSTA! : [recurso eletrônico] aconselhamento biblico com dependentes químicos / Wagner Zanelatto. 423 KB ; il.</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Valdeci da Silva Santos. Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Daniel dos Santos. Referências Bibliográficas: f. 50-51.</p> <p>1. Aconselhamento Bíblico. 2. Dependência Química. I. Santos, Valdeci da Silva, <i>orientador(a)</i>. II. Santos, Daniel dos, <i>coorientador(a)</i>. III. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Wagner Zanelatto

**ACONSELHAMENTO BÍBLICO COM PESSOAS QUE
APRESENTAM DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA PROPOSTA!**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Valdeci da Silva Santos.

Aprovação 08 /02 / 2023

Orientador: Professor: Valdeci da Silva Santos.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Wagner Zanelatto

Programa: MDiv Teologia Pastoral

Título do Trabalho: ACONSELHAMENTO BÍBLICO COM PESSOAS QUE APRESENTAM
DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA PROPOSTA!

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

ÍNDICE

ORDEM DA ARGUMENTAÇÃO	8
DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO	8
OBJETIVO DO TRABALHO	8
JUSTIFICATIVA DO TEMA	9
REVISÃO DA LITERATURA	9
FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	11
FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES	12
INTRODUÇÃO	12
1. DEFINIÇÃO E CONCEITOS.....	14
1.1. DEFINIÇÃO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA	14
1.2. MODELOS E ABORDAGENS NO TRATAMENTO E ACOLHIMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS	17
1.2.1. Modelo Médico.....	17
1.2.2. Modelo Psicológico	18
1.2.3. Modelo Educacional.....	19
1.2.4. Modelo Moral	19
1.2.5. Modelo Da Temperança Ou Sobriedade.....	20
1.2.6. Modelo Da Degenerescência Neurológica	20
1.2.7. Modelo Espiritual.....	21
1.2.8. Modelo Biológico.....	21
1.2.9. Modelo Biopsicossocial	22
1.2.10. Modelo do Aconselhamento Bíblico e Discipulado Cristão....	23
1.3. ABORDAGEM BÍBLICA DO VÍCIO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA	23
2. O CONCEITO DA ANTROPOLOGIA BÍBLICA PARA A	

COMPREENSÃO DO VÍCIO	24
2.1. O HOMEM CRIADO POR DEUS	24
2.2. A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM.....	28
2.3 A NATUREZA PECAMINOSA DO HOMEM	32
3. CONCEITO DE CORAÇÃO E A NATUREZA ADORADORA	36
3.1. O CONCEITO DE CORAÇÃO.....	36
3.2. HÁBITOS ESCRAVIZADORES	38
3.3. PECADO OU DOENÇA?.....	42
3.4. A INFLUÊNCIA DO CONCEITO DE CORAÇÃO NO ACONSELHAMENTO COM DEPENDENTES QUÍMICOS	44
4. ACONSELHAMENTO BÍBLICO E DISCIPULADO COMO RESPOSTA AO PROBLEMA DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA	45
4.1. PLANO PRÁTICO PARA MUDANÇA	45
4.2. PLANO PARA DESPOJAR E REVESTIR	46
4.3. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO.....	47
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	52

ORDEM DA ARGUMENTAÇÃO

Neste trabalho veremos a importância do aconselhamento bíblico como uma proposta consistente frente aos problemas apresentados por pessoas com dependência química. Existem muitos modelos para auxiliar pessoas que sofrem deste mal, mas a grande maioria está firmada nos fatores internos e o aconselhamento bíblico com um modelo eficaz auxilia nas questões essenciais do ser humano trabalhando nos fatores que geram esse comportamento. Desta feita, o aconselhamento bíblico por meio das Escrituras traz uma resposta significativa para este problema.

DELIMITAÇÃO DO ASSUNTO

A cada dia constata-se mais e mais famílias e irmãos em Cristo enfrentando, direta e indiretamente a problemática da dependência química, e geralmente a abordagem para ajudar estas pessoas é secularizada e fora dos padrões bíblicos.

Essa pesquisa tem como propósito apresentar uma proposta de modelo do aconselhamento bíblico para ajudar pessoas e famílias cristãs protestantes que sofrem com este mal e carecem de uma direção pautada nas Escrituras Sagradas.

OBJETIVO DO TRABALHO

Quando se pensa em ajudar pessoas com dependência química dentro de uma perspectiva cristã ouvimos muito sobre grupos de mútua ajuda como *alcóolicos anônimos e narcóticos anônimos*, pouco se fala sobre uma abordagem bíblica da dependência química e de um modelo de acolhimento que seja pautado pelas Escrituras Sagradas.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma abordagem fundamentada no

aconselhamento bíblico e teológico mostrando a proposta de libertação destes males por meio do aconselhamento e discipulado bíblico.

JUSTIFICATIVA DO TEMA

Hoje trabalhando a mais de quinze anos com dependentes químicos tanto na igreja quanto no contexto de comunidades terapêuticas evangélicas, percebe-se a cada dia um distanciamento das Escrituras e uma abordagem focada nas questões médicas, psicológicas e informativas sobre às drogas. Essas abordagens têm o seu valor e lugar, mas diferem da abordagem bíblica. Diante disto é necessário discorrer sobre uma abordagem bíblica através do aconselhamento e discipulado.

REVISÃO DA LITERATURA

O ano de 1931 foi o início de uma grande revolução na maneira pela qual a dependência em substâncias psicoativas passou a ser tratada, obviamente esta nomenclatura não era utilizada na época, e o termo usado e comumente conhecido era o alcoólatra e drogado. Neste ano foi que um banqueiro americano chamado Roland Hazard procurou o psicanalista Carl Gustav Jung para se tratar de sua dependência química em álcool. Entretanto os resultados não tiveram efeito e o próprio Jung recomendou que Roland Hazard busca-se uma experiência espiritual ou religiosa. Roland buscou um movimento evangélico, o Oxford Group, e conseguiu parar de beber. (DUARTE, 201, p. 250)

Com a procura de Roland o grupo de Oxford iniciou um trabalho com pessoas que apresentavam problemas de alcoolismo e em 1935, Akron, Ohio nos Estados Unidos nasceu o movimento que conhecemos até os nossos dias como Alcoólicos Anônimos designado pela sigla AA. (DUARTE, 201, p. 250)

Esses grupos de autoajuda espalharam-se por todo o mundo e a sua

filosofia conhecida como os “Doze Passos” tem auxiliado milhares de pessoas com problemas de alcoolismo ao redor do globo. Posteriormente nasceu também seguindo os mesmos princípios o grupo de “Narcóticos Anônimos”.

O conceito de alcoolismo como doença começou a ser expandido e divulgado com a expansão e difusão dos Alcoólicos Anônimos (AA) essa proposta foi consolidada cada vez mais com o crescimento dos grupos de mútua ajuda do AA. A hipótese de que a dependência química é uma doença foi fundamentada no pensamento do pesquisador de Yale E.M. Jellinek que trouxe em suas pesquisas a perspectiva de olhar para o alcoolismo como doença. (CONRAD; SCHNEIDER, 1992, p.108).

Embora hoje a definição de dependência química ou de transtornos pelo uso de substâncias psicoativas seja muito complexa o impacto gerado pelo movimento do AA é que quando pensamos nestes aspectos naturalmente o senso comum é de que o indivíduo que faz uso de qualquer substância seja ela lícita ou ilícita deve ser considerado como um doente.

E as consequências desta formulação de E. M. Jellinek leva ao entendimento de que a doença é grave, progressiva, constituída de fases bem delimitadas. Segundo a organização mundial da saúde o vício em substâncias psicoativas é semelhante a uma doença crônica, progressiva, ou seja, que piora com o passar do tempo, primária, que gera outras doenças e fatal. E segundo a organização mundial da saúde a dependência química ou o uso de substâncias psicoativas é um transtorno mental caracterizado por um grupo de sinais e sintomas decorrentes do uso de drogas. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004)

Esta perspectiva é tão forte que até mesmo no meio eclesial este ponto é praticamente pacífico e não discutido em muitas ocasiões. Entretanto quando olhamos para o homem através de uma cosmovisão bíblica esses conceitos podem e devem ser questionados.

A visão humanista do vício sugere que fatores externos os genéticos influenciam a pessoa que faz uso da substância ao ponto de esta não ter controle sobre suas escolhas. Quando a pessoa aceita esta ideia de doença, ela passa a acreditar que precisa lutar contra este mal como uma espécie de câncer. Este conceito acredita que com a abstinência a pessoa pode ficar bem porque é

possível o tratamento, mas sempre deverá lutar contra esta doença porque ela estará presente sempre em sua vida.

As consequências desta visão é que as escolhas e as responsabilidades da pessoa são desconsideradas porque este sofre de algo que está totalmente fora do seu controle e mesmo que seja regenerado em Cristo essa doença estará presente em sua vida.

Quando olhamos para o vício desta forma toda a esperança de que o viciado irá superar esta doença é descartada. Estas ideias são contrárias a cosmovisão bíblica porque entendemos que o homem foi criado por Deus, a imagem de Deus e isto traz algumas implicações pois não é somente criatura, é também uma pessoa. E recebendo habilidades decorridas da imagem de Deus significa que em algum sentido ter alguma independência, que não é absoluta, mas sim relativa.

Sendo assim, compreendemos que o conceito estabelecido para o uso de substâncias psicoativas deve ser entendido em perspectiva bíblica para que através do aconselhamento bíblico e discipulado possa de fato em Cristo ser oferecido esperança para aqueles que sofrem deste mal pois existe a possibilidade de viver em liberdade da escravidão por meio da obra redentora de Cristo.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Diferentes abordagens sobre o uso de substâncias psicoativas têm influenciado a visão da igreja em relação a este assunto, em sua maioria uma visão secularista e que não abordam os princípios bíblicos teológicos e consideram a cosmovisão bíblica apenas como uma ideia moral ultrapassada e que deve ser contestada pela ciência e pesquisas da atualidade. Assim, de forma bastante específica, a pergunta que pretendemos responder por meio dessa pesquisa é: a abordagem bíblica do aconselhamento é suficiente por meio das Escrituras para trazer uma resposta significativa e relevante para o problema das pessoas que sofrem com o mal dependência química e o vício?

FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES

Hipótese principal: A Escritura é suficiente para trazer uma resposta significativa para o problema da dependência química e do vício.

INTRODUÇÃO

A realidade da dependência química é cada vez mais alarmante, o relatório mundial sobre drogas divulgado no ano de 2021 pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) diz que cerca de 275 milhões de pessoas usaram drogas no mundo no último ano, enquanto mais de 36 milhões sofreram de transtornos associados ao uso de drogas. (UNODC) no Brasil os dados também são alarmantes por o terceiro levantamento nacional sobre drogas no Brasil revelou que 3,2% dos brasileiros usaram substâncias ilícitas nos 12 meses anteriores à pesquisa, o que equivale a 4,9 milhões de pessoas. (FIOCRUZ)

Diante desta realidade compreendemos que essa pesquisa é importante para apresentar uma proposta pautada nas Escrituras como uma resposta relevante e significativa por meio do aconselhamento bíblico.

Neste trabalho apresentaremos o entendimento do que é dependência química e os modelos e abordagens no tratamento e acolhimento com pessoas que enfrentam esta realidade da dependência química.

A proposta do aconselhamento bíblico passa pelo entendimento de quem é o homem e o conceito da antropologia para a compreensão do vício que tem como foco o coração do homem e sua natureza adoradora.

Também será abordado a influência do conceito de coração para o

entendimento deste modelo que proposto tendo a Escritura como base para o aconselhamento e discipulado de pessoas que apresentam dependência química.

1. DEFINIÇÃO E CONCEITOS

1.1. DEFINIÇÃO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA

O conceito de dependência química é resultado de uma evolução de pensamentos e ideias cujas primeiras tentativas de abordagem científica têm menos de 300 anos, e as definições mais atuais tem menos de um século. O fato é que existe muitas perspectivas quanto ao assunto e na prática estas definições vêm sofrendo alterações cada vez mais frequentes. Em comparação ao consumo de substâncias que ocorre a milhares de anos, estas definições são realmente muito recentes.

Na prática os problemas com consumo de álcool e outras drogas foram encarados até o século XVIII como desvios morais, foi quando então dois médicos, o norte americano Benjamin Rusch e o britânico Thomas Trotter, classificaram a embriaguez como perda do autocontrole, segundo a avaliação destes médicos o consumo era até certo ponto uma escolha pessoal, mas a substância passava a dominar o controle e a vontade do usuário acarretando na perda do autocontrole. Rush e Trotter diziam que *“a intensidade do consumo variava ao longo de um continuum de gravidade e pontuaram que os problemas relacionados ao consumo instalavam-se ao longo do tempo, ou seja, tinham uma história natural”*. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 15)

O termo alcoolismo foi usado pela primeira vez em 1849 por Magnus Huss na tentativa de definir um conjunto de complicações clínicas decorrentes do uso crônico de álcool. E a partir de então é que *“outros pesquisadores começaram a formular conceitos que se aproximam do que é hoje denominado dependência, isto é, uma doença com prováveis causas biológicas e genéticas associadas”*. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 15)

Aos poucos essa definição se estendeu para outras substâncias, entretanto os pesquisadores focaram mais nos aspectos biológicos não levando muito em consideração outros fatores para a explicação das causas dos problemas com o

consumo de álcool e outras substâncias. Atualmente a dependência química como é comumente conhecida tem sofrido muitas mudanças em suas nomenclaturas devido ao avanço da observância nos diagnósticos e para estas definições o balizador tem sido o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM)* e também a *Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde (CID – 10)* da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O DSM-5 substituiu as denominações “abuso” e “dependência” que estavam presentes no DSM-4, por um continuum de gravidade. Nesse novo formato, passou a existir apenas a categoria diagnóstica transtorno por uso de substâncias, definida como um padrão problemático de uso [de qualquer substância psicoativa], levando a comprometimento ou sofrimento significativos, manifestado por pelos menos dois critérios possíveis, como compulsão para o consumo, aumento da tolerância, síndrome de abstinência, alívio ou evitação da abstinência pelo aumento do consumo, relevância do consumo, estreitamento ou empobrecimento do repertório ou reinstalação da síndrome de dependência estes ocorrendo durante um período de 12 meses. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 17 e 22)

Em linhas gerais, a dependência de drogas é mundialmente classificada entre os transtornos psiquiátricos, sendo considerada uma doença crônica que acompanha o indivíduo por toda a sua vida, podendo, porém, ser tratada e controlada, reduzindo-se os sintomas, alternando-se, muitas vezes, períodos de controle com períodos de retorno da sintomatologia (AGUILAR & PILLON, 2005, p 13).

Os conceitos e classificações têm sido modificados e atualizados de tempos em tempos, mas de forma geral ainda que nos meios acadêmicos a sempre um questionamento quanto a definição exata do transtorno por uso de substâncias na prática alguns conceitos estão enraizados em muitos médicos, técnicos e pessoas que trabalham com pessoas que enfrentam esta problemática e percebe-se que no senso comum uma visão que considera a dependência química como uma doença crônica e incurável, uma doença que se desenvolve independentemente da escolha do indivíduo e enxerga o dependente como alguém que não tem controle sobre o seu vício, mas que pode tratá-lo e torná-lo abstêmio.

Muitas vezes o dependente busca o prazer transitório que a substância pode lhe oferecer, mas outras vezes é a fuga da dor física ou psíquica que o impulsiona à

busca da substância, fazendo-o entrar em um ciclo vicioso de prazer e de dor. Dentro desse ciclo, o dependente frequentemente desenvolve outras doenças mentais, a depender do tipo, do tempo e da intensidade no uso da droga.

As substâncias psicoativas agem por meio da desorganização do funcionamento químico cerebral, principalmente nas fases de intoxicação aguda e cada vez mais tem sido constatado o desenvolvimento de quadros psiquiátricos mais graves, como transtornos bipolares e psicóticos.

No entanto, essa visão psicopática da dependência química enfrenta duras críticas no contexto religioso, notadamente entre os cristãos. Muitos religiosos defendem que uma cura definitiva pode ser alcançada, que existe possibilidade de transformação, de libertação definitiva da escravidão imposta pela substância ao dependente. Por isso, muitos evangélicos se opõem à visão cientificista da medicina e acabam por desprezar o que de bom ela poderia oferecer, embora admitam o auxílio da ciência no tratamento dos quadros de intoxicação aguda.

É importante frisar que o acompanhamento médico é importante para pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas porque eles podem desenvolver outras comorbidades.

Quando presentes, os transtornos psiquiátricos se constituem num fator complicador, já que frequentemente influenciam o curso clínico, o prognóstico e o planejamento terapêutico. Para que haja o diagnóstico psiquiátrico, faz-se necessário o acompanhamento médico dos dependentes fora dos quadros de intoxicação aguda.

Ao olharmos com atenção para essas posições, podemos observar que a origem da discordância reside na diferença da cosmovisão do homem e da sua relação com a natureza. Como uma ciência que busca estudar, compreender e cuidar do homem, a medicina tem se valido de uma visão humanista e materialista, de uma visão que pretende explicar o homem baseando-se nas leis do naturalismo filosófico. A medicina, notadamente a psiquiatria, que é a especialidade intimamente ligada às doenças mentais, aos transtornos de personalidade e aos distúrbios emocionais do homem, tem historicamente se recusado a ver qualquer influência do pecado ou de qualquer intervenção espiritual nesses diferentes quadros.

Por isso, não podemos esperar que haja concordância de pensamento na etiologia do distúrbio, nos motivos geradores da dependência química, naquilo que dá

origem ao problema, que inclina o dependente químico ao seu vício, às vezes com um desejo incontrolável. Também não é de se esperar que as abordagens terapêuticas, desse problema tão sério e prevalente, sejam uniformes e consensuais.

1.2. MODELOS E ABORDAGENS NO TRATAMENTO E ACOLHIMENTO DE DEPENDENTES QUÍMICOS

É importante ressaltar que hoje existem inúmeras abordagens e modelos para tentar explicar esta problemática e cada uma dessas abordagens traz a sua perspectiva e cosmovisão. Desta feita é importante conhecer alguns modelos para compreender os mais variados pontos de vista sobre as tentativas de explicar a dependência de substâncias psicoativas.

1.2.1. Modelo Médico

No modelo médico, a perspectiva é que o problema é um transtorno neuropsiquiátrico que afeta algumas pessoas que utilizam a substância. Defendem que a droga exerce efeitos de reforço ativando circuitos de recompensa no cérebro e com a continuidade do uso ocorre prejuízo cerebral. Assim a pessoa se torna cada vez mais sensível a fatores estressantes, produzindo interferências no autocontrole e por fim uma transição para o uso automático e compulsivo. Via de regra a relação é médico e paciente e a proposta é uma ação através de medicamentos para ajudar a pessoa na desintoxicação e na retomada do autocontrole.

1.2.2. Modelo Psicológico

Já no modelo psicológico as linhas são muito mais amplas.

A abordagem do condicionamento clássico que diz que situações do dia a dia provocam estímulos, produzindo respostas no indivíduo. Já o condicionamento operante mostra que o consumo de substâncias, produzindo bem-estar, relaxamento e quadros de euforia, ou reiterando sensações de ansiedade e mal-estar (reforços positivos e negativos), resultaria em padrões de comportamento. Dentre as abordagens na área da psicologia a mais utilizada é geralmente o modelo cognitivo-comportamental, e a proposta deste modelo é ressaltar a importância dos processos mentais sobre os comportamentos. O esforço do modelo volta-se para o entendimento das expectativas do indivíduo acerca dos efeitos do álcool e de outras substâncias.

Expectativas positivas podem promover consumos mais pesados. O modelo de prevenção de recaída ressalta a importância dos processos cognitivos na evocação ou evitação da recaída. Os enfoques voltados para a teoria comportamental surgiram na primeira metade do século XX, com Pavlov e Skinner, e preconizavam que situações capazes de prover o indivíduo de prazer e recompensa geram reforço positivo, aumentando as chances de manutenção do comportamento. Quando o indivíduo aprende que o consumo de álcool é capaz de trazer alívio a situações estressantes, as chances de manter tal comportamento para aquela situação e generalizá-lo para outras aumentam.

Já a escola psicanalítica entende que a dependência pode estar associada a retornos prazerosos na infância. A doença é explicada a partir da automedicação a interações disfuncionais na primeira infância, como vulnerabilidade no desenvolvimento da autoestima, construção de relacionamentos, habilidade de autoproteção com prejuízos e déficits de tolerância aos afetos.

O modelo de aprendizado social discorda que o indivíduo nasce dependente. O aprendizado não é só do contexto da substância, mas do que ela pode dar ao indivíduo. O modelo sociocultural apresenta uma visão mais ampla sobre o papel da sociedade e das subculturas na modelagem de padrões individuais de consumo.

Quanto ao modelo sistêmico, a abordagem é que o comportamento individual é parte interativa de um sistema social mais amplo, no qual se destaca a família. Aqui o que é levado em conta são os vários níveis de relacionamento. O sistema ou a família tende a manter um equilíbrio que resiste a mudanças. A terapia familiar é a intervenção indicada para alcançar sucesso terapêutico. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 7)

1.2.3. Modelo Educacional

Neste modelo a ênfase está em mostrar para a pessoa que enfrenta problema da dependência química que este é um hábito que precisa ser desaprendido e o intuito é trabalhar através das informações e do conhecimento sobre o que as substâncias causam no organismo para que compreenda os males e deixe de usar as substâncias. Este modelo tem com ênfase a informação para a conscientização e assim levá-lo a sobriedade.

1.2.4. Modelo Moral

Nesse modelo, quatro traços relacionados ao funcionamento individual criariam o senso de moralidade: Simpatia, autocontrole, justiça e dever. Defeitos nessas características gerariam problemas no convívio social, promovendo então um colapso. A falta de autocontrole seria a própria impulsividade. Nesta perspectiva tanto o uso de substâncias como a própria dependência são escolhas pessoais. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 5)

1.2.5. Modelo Da Temperança Ou Sobriedade

Esse modelo, diferentemente do Moral anteriormente citado, não vê a embriaguez como um pecado cometido por falha de caráter do indivíduo, mas sim como um hábito a ser desaprendido. O intuito seria encontrar um equilíbrio no consumo de bebidas, de forma que o paciente retornasse a um estágio anterior ao da dependência. *Benjamim Rush* “dizia que esse modelo servia para entender a dependência de álcool como uma espécie de termômetro físico e moral”. Para esse pensador, o consumo *"começa com uma escolha, torna-se um hábito e depois uma necessidade"*.

No século XVIII, o consumo de álcool começou a ganhar mais atenção, e quadros de embriaguez passaram a ser considerados doença a partir de trabalhos científicos como os publicados por Thomas Trotter. No fim do século XIX, nos Estados Unidos, surgiu o modelo da temperança, ou sobriedade, o qual teve alguma credibilidade até 1933. Foi a primeira tentativa estruturada para entender a etiologia do alcoolismo. Com a utilização desse modelo como forma de entendimento da dependência de álcool, o objetivo do tratamento seria a administração cautelosa e moderada da substância. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 6)

1.2.6. Modelo Da Degenerescência Neurológica

Em 1849, Magnus Huss, na Suécia, publicou um trabalho científico no qual, pela primeira vez, a palavra "alcoolismo" foi utilizada. O fenômeno foi entendido como uma patologia. Houve forte tendência a acreditar que o tratamento deveria ser igual ao de outras doenças na época: banhos de vapor, tônicos, uso de sanguessugas etc.! (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 6)

1.2.7. Modelo Espiritual

Em 1935, Bill Wilson e Robert Smith criaram os AA. A dependência de álcool, nesse modelo, é entendida como uma condição que o indivíduo se torna incapaz de superar por si só. A esperança de mudança consiste em entregar a vida a uma força superior e, a partir daí, segui-la rumo à recuperação. Praticar os 12 passos é peça fundamental para a recuperação. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 6)

1.2.8. Modelo Biológico

Estudos neurobiológicos relacionados ao consumo de substâncias vêm apontando a dependência química como um transtorno crônico do cérebro e que o estudo minucioso desses elementos resultará em futuros tratamentos mais individualizados e eficazes.

O modelo biológico ganhou força a partir dos anos de 1970 e aponta a fisiologia e a genética dos indivíduos como responsáveis pela etiologia da dependência. Esse modelo estuda a herança genética e a constituição biológica do indivíduo e como tais características determinam o surgimento da dependência.

Estudos com famílias, gêmeos e adoção enfatizam a importância das características biológicas dos indivíduos para o surgimento desse processo, por exemplo, estudos com gêmeos idênticos separados na infância e adotados por famílias com características diferentes evoluindo para quadros de dependência química na idade adulta. *“Na década de 1970, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu uma nova conceituação sobre a dependência química, considerando-a como uma síndrome que obedece a um continuum de gravidade. Houve distinção entre consumo abusivo e dependência”.* (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 8)

Atualmente, sabe-se que as substâncias podem modular a expressão de genes envolvidos na neuroplasticidade cerebral. Modificações no ácido ribonucleico (RNA) produzem disfunções nos neurônios, que resultam em alterações duradouras observadas no que tem sido caracterizado como transtorno de uso de substâncias (TUS).

O consumo dessas substâncias produz aumento da liberação de dopamina no cérebro, em regiões, como o nucleus accumbens e a área tegmentar ventral, que estão diretamente relacionadas ao processo de recompensa. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 8)

Diversos estudos estão sendo apontados como promissores em relação ao papel biológico do desenvolvimento do transtorno de uso de substâncias (TUS). Entre as pesquisas mais importantes, estão:

A identificação de subtipos de neurônios dopaminérgicos, a caracterização de suas projeções, insumos e função;

A investigação das interações entre os núcleos e os circuitos mediadores de recompensa envolvidos com a regulação do humor;

A investigação das interações dinâmicas na recompensa do uso de substâncias e o consumo compulsivo delas;

A investigação da influência dos genes sobre a biologia molecular e os circuitos neuronais – essa heterogeneidade individual resulta em diferentes tipos de vulnerabilidade e resiliências ao vício;

A identificação de biomarcadores úteis para prevenção e intervenções terapêuticas. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 8)

1.2.9. Modelo Biopsicossocial

Segundo esse modelo, uma multifatorialidade está envolvida no surgimento da dependência química. As diferentes teorias associadas seriam necessárias para

determinar a doença, e o indivíduo não teria apenas uma única causa para explicar o desenvolvimento, o curso e o prognóstico do problema. A substância seria apenas um dos fatores de uma tríade que incluiria o indivíduo e a sociedade da qual ele faz parte e na qual a substância se encontra. (ZANELATTO & LARANJEIRA, 2018, p. 8)

1.2.10. Modelo do Aconselhamento Bíblico e Discipulado Cristão

Entende que o problema da dependência química é mais profundo que simplesmente fatores externos ou apenas morais. enxerga o homem como um ser criado a Imagem de Deus e que o problema está no nível do coração e propõe uma reorientação das crenças fundamentais para a transformação da vida e conseqüentemente a liberdade das drogas.

1.3. ABORDAGEM BÍBLICA DO VÍCIO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Como constatado até aqui temos uma variedade de modelos e abordagens quanto ao problema dos transtornos por uso de substância, desta feita é fundamental dentro de nossa proposta, analisarmos a partir de uma cosmovisão bíblica os pontos fundamentais para a compreensão e entendimento de como podemos fundamentar e auxiliar pessoas através do aconselhamento bíblico e discipulado e avaliar se estas visões diferentes podem trabalhar juntas ou se são excludentes. Sendo assim, nos próximos capítulos de nosso trabalho o desejo é olhar para uma perspectiva bíblica teológica para compreendermos estas questões.

2. O CONCEITO DA ANTROPOLOGIA BÍBLICA PARA A COMPREENSÃO DO VÍCIO

2.1. O HOMEM CRIADO POR DEUS

O pressuposto básico da antropologia reformada é que o homem foi criado pelo seu Criador. E isto denota uma implicação direta da doutrina do homem, este não existe de forma autônoma ou independente, o homem foi criado por Deus.

Genesis capítulo 01 verso 01 nos diz: “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*”, e no verso 27: “*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*”.

Tudo o que foi criado depende exclusivamente do seu Criador e de sua vontade soberana.

Nesta perspectiva a confissão de fé de Westminster em seu capítulo IV – II define a criação do homem como segue:

Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea, com almas racionais e imortais, e dotou-as de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita em seus corações, e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, que era mutável. Além dessa escrita em seus corações, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas. (Confissão de Fé de Westminster, 2001. pg. 46.)

O homem recebe um elevado grau de destaque na criação que o diferencia de toda obra criada. É Criado a imagem de Deus, e este fato de ser dotado da imagem de Deus possibilita a relação com o Criador. Também leva o homem a uma condição

essencial da qual depende sua habilidade de conhecer a Deus e conseqüentemente pela sua lei gravada no coração ser direcionado ao relacionamento de dependência e sujeição a Deus.

O homem foi criado por Deus, porém criado a imagem de Deus e isto traz algumas implicações pois não é somente criatura, é também uma pessoa. E recebendo habilidades decorridas da imagem de Deus significa que em algum sentido ter alguma independência, que não é absoluta, mas sim relativa.

Nesta relação de dependência do Criador são firmados alguns pontos essenciais sobre quem é o homem. Este homem é criado e dotado de personalidade, é uma pessoa.

Anthony Hoekema diz que:

“ser uma criatura significa dependência absoluta de Deus; ser uma pessoa significa independência relativa. Ser uma criatura significa que não posso mover um dedo ou pronunciar uma palavra à parte de Deus; ser uma pessoa significa que, quando meus dedos são movidos, eu os movo, quando as palavras são pronunciadas por meus lábios, eu as pronuncio. Sermos criaturas significa que Deus é o oleiro e nós o barro (Rm 9.21); sermos pessoas significa que nós mesmo é que moldamos nossa vida pelas nossas próprias decisões (Gl 6.7-8). (HOEKEMA, 1999, pg. 17)

Desta forma como vemos tanto na confissão de fé como nas palavras de Hoekema e principalmente no ensino da Escritura temos o homem na condição de criatura bem como a preservação de sua individualidade pessoal.

E neste ponto é importante compreendermos o que muitas antropologias seculares falham quanto a estas duas verdades e apresentam uma visão distorcida sobre quem o homem de fato é.

Assim temos um parâmetro que nos direciona a verdade de que o homem criado a imagem de Deus é, portanto, criatura e pessoa. E a implicação desta afirmação para nossa cosmovisão da doutrina antropológica nos leva a concordar mais uma vez com Hoekema que diz:

Portanto qualquer concepção do ser humano incapaz de vê-lo

como fundamentalmente relacionado com Deus, totalmente dependente dele primariamente responsável perante ele, carece da verdade. (HOEKEMA. 1999, pg. 18)

Sendo assim, o fato de o homem ser uma pessoa criada nos leva a compreensão do que detalharemos mais a frente quanto a doutrina do pecado e sua natureza caída. O homem foi criado como a imagem de Deus e com a capacidade de fazer escolhas até mesmo *escolhas que fossem contrárias à vontade de Deus. Todavia, será preciso acrescentar que, mesmo ao pecar, o ser humano permanece uma criatura, dependente de Deus. (HOEKEMA. 1999, pg. 18)*

O homem quando desobedece a Deus usa a capacidade de glorificar o Criador para realizar sua própria vontade e expressa com a escolha do pecado o que o Apóstolo Paulo registra na epístola aos Romanos: *“tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se lhes o coração insensato” (Rm 1.21).*

O homem desfrutava de uma relação perfeita com Deus e com a criação, pois o mundo criado era muito bom (Gn 1.31). Cada necessidade física ou espiritual era totalmente suprida, não havia fome ou doenças a serem temidas, homem e mulher, viviam em perfeita harmonia um com o outro, não havia competição descabida, nem luta pelo poder, vingança ou recriminação, não existiam conspirações, não havia medo, culpa, vergonha, rebeldia contra autoridade e não existia luta com identidade, ansiedade, depressão ou vícios. De fato havia entendimento, comunicação e amor.

A relação com Deus era de perfeita união, o homem e mulher amavam, adoravam e obedeciam assim como foram criadas para fazer. O homem andava com Deus no Jardim, desfrutando de perfeita comunhão com seu Criador. Exercia o seu papel de vice-gerente da criação governando o que Deus tinha criado, fazia bem seu trabalho.

Olhando para o princípio a vida era muito melhor do que qualquer coisa que poderíamos imaginar de nossa perspectiva marcada pelo pecado.

Porém, isto não durou muito, pois o homem uma pessoa criada, com capacidade para fazer escolhas fez uma terrível opção quando tinha esta liberdade que foi virar as costas para tudo isto que desfrutava na relação com Deus e com a criação.

O homem saiu do plano ordenado por Deus, com o ato de rebelião mais

significativo jamais cometido. E por conta desta escolha tudo cai por terra e a beleza da criação é profundamente afetada, e após a queda o homem passa a experimentar o medo, culpa e vergonha e a partir deste momento este se torna o padrão da experiência do homem.

A submissão a autoridade de Deus é interrompida e o homem passa a viver agora como se fosse seu próprio deus. Este ato de desobediência e pecado afetou o homem como um todo, o centro da existência foi contaminado, o coração, assim cada pensamento, desejo, motivação, palavra e ação foram afetados e volta-se para si mesmo em total egoísmo.

Agora o homem só pode ser redimido do pecado e resgatado de seu estado caído mediante a intervenção divina em seu favor.

Mais uma vez é importante o que Antony Hoekema diz sobre isto:

Visto que é uma criatura, o homem pode ser salvo somente pela graça – isto é, em absoluta dependência da misericórdia de Deus. Mas o fato de que o homem é também uma pessoa faz com que ele tenha uma parte importante a cumprir no processo de sua redenção. O homem não é salvo como um robô celestial, mas como uma pessoa. Portanto, os seres humanos têm uma responsabilidade no processo de sua salvação. Eles precisam decidir-se livremente, na força do Espírito Santo, a arrependem-se de seus pecados e a crerem em Jesus Cristo. (HOEKEMA. 1999, pg. 19)

O que ocorre é a regeneração por meio da fé pela ação do Espírito Santo por meio da pregação da Palavra que leva a pessoa a uma união com Cristo onde o que foi contaminado pelo pecado agora é alcançado.

O coração que estava morto agora recebe vida, e esta mudança não pode ser alcançada pela ação do homem se não pela obra redentora de Cristo.

Sendo o homem uma criatura, Deus tem que regenerá-lo e abrir os olhos para conseguir compreender o plano da redenção. E como pessoa responsável por seus atos em resposta ao evangelho ele precisa crer. Desta forma agora o homem inicia o processo da santificação que é operado pelo Espírito Santo, mas envolve a participação responsável do homem em responder em obediência.

Desta forma temos muitas outras implicações para nossa teologia quanto a compreensão do homem como pessoa criada, porém queremos nos deter no fato da responsabilidade que advém desta capacidade dada por Deus ao ser humano para suas escolhas e a influência e implicações no que entendemos sobre vício que abordaremos adiante.

Assim, o entendimento da pessoa criada passa pela implicação do conceito bíblico do homem como imagem de Deus e veremos isto na sequência.

2.2. A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM

No Antigo Testamento temos basicamente três passagens que desenvolvem o conceito do homem como imagem de Deus, Gênesis 1.26-28:

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra”.

Outro texto é Gênesis 5.1-3:

“Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados. Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e lhe

chamou Sete”.

E Gênesis 9.6:

“Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem”.

Nestas passagens bíblicas vemos a distinção do homem em relação a criação, somente o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus. A ideia que Gn 1 nos traz é que o homem reflete a imagem de Deus, é um representante de Deus na criação, e a expressão imagem e semelhança mostra que o homem representa Deus em certos aspectos.

Uma inferência a isto é o domínio sobre as coisas criadas, quando o homem exerce este domínio e expressa a capacidade de tomar decisões de governar na criação de maneira responsável demonstra que foi criado com a imagem de Deus.

Em Gn 5.1 mais uma vez temos a recordação do homem sendo criado a semelhança de Deus, porém no verso 3 registra o nascimento de um filho de Adão a sua imagem e semelhança. Sete era portador da imagem de Deus, mas também de Adão, porém agora após o relato da queda em Gn 3 com uma imagem corrompida. E a ênfase no texto de que sete foi gerado a imagem e semelhança de Adão denota que transmitiu a corrupção do pecado para seu filho.

Assim o homem continua a imagem de Deus, mas agora é portador desta imagem de forma deturpada e corrompida por conta do pecado.

A terceira passagem em Gn 9 fala da dignidade do ser humano criado a imagem de Deus, condenando qualquer tipo de crime de morte pela alta significância do homem sendo a imagem de Deus se isto ocorrer deve ser punido com a morte pois o homem reflete e representa a Deus.

Outro texto que traz a ideia do homem como a imagem de Deus é o salmo 8, porém a expressão não aparece neste salmo. Neste salmo vemos a contemplação da grandeza de Deus e a pequenez do homem, mas também a posição de exaltação do homem sobre a criação e o domínio sobre o restante da obra criada.

A imagem divina no homem traz a ideia de personalidade, pois Deus é um ser pessoal e o homem criado a sua imagem é portador desta personalidade, e desta forma em toda a criação o homem é ímpar.

A personalidade nos remete a consciência, conhecimento e responsabilidade. Outro aspecto da imagem de Deus no homem é a espiritualidade, Deus é um ser Espiritual e o homem também expressa esta característica e carrega o senso da eternidade conforme descrito em Eclesiastes 3.11. Neste sentido o homem aspira pelo divino.

João Calvino falando sobre a “*Divina semente da religião*” Ele Disse: “*Há dentro do espírito humano, e de fato pelo instinto natural uma consciência da divindade aí colocada por Deus, que repetidamente derrama gotas frescas*”. (Institutas da Religião Cristã I.3.1)

A consciência da divindade da qual Calvino fala se estende à racionalidade e à moral.

Os seres humanos não são simplesmente religiosos, estranhamente imbuídos de uma capacidade de espiritualidade.

O homem é na verdade consciente de Deus. Não apenas conhecimento, mas senso moral é possível porque o homem já conhece a Deus.

Neste sentido Francis Schaeffer fala do propósito do homem:

“Nosso Chamado é tanto a desfrutar de Deus quanto também a o glorificar. A realização verdadeira está relacionada ao propósito para o qual nós fomos criados – ter Deus como referência, estar em relacionamento pessoal com ele, ser realizado por ele, e assim ter uma afirmação de vida. O Cristianismo nunca deve proporcionar a qualquer observador o direito de concluir que o Cristianismo acredita na negação da vida. O Cristianismo é capaz de fazer uma afirmação real, porque nós afirmamos que é possível estar em relação pessoal com o Deus pessoal que existe e que é o ambiente final de tudo o que criou. Tudo menos Deus é dependente; mas, sendo feito a imagem de deus, o homem pode estar em relacionamento pessoal ao que é absoluto e sempre foi. Nós podemos ser realizados no presente e no futuro no nível mais alto de nossa personalidade e em todas as partes e porções da vida”.
(SCHAEFFER. 2003, pg 21 e 22)

Sendo assim, evidencia desta personalidade e espiritualidade é consequência do homem ser portador da imagem de Deus, do senso divino e que o seu propósito é glorificar a Deus através de um relacionamento pessoal em Cristo onde gera e capacita o homem a um nível pleno de satisfação e realização.

Entretanto o homem além de ter personalidade e espiritualidade foi dotado por Deus com liberdade. Deus como ser pessoal e espiritual é livre e fez o homem com esta capacidade de liberdade para amar, conhecer, confiar, desejar, obedecer, e para recusar fazer essas coisas.

A imagem de Deus no homem também mostra uma característica muito que é a expressividade. Deus tem expressa a sua vontade soberana através de sua personalidade e deu ao homem esta propriedade onde pode fazê-lo através de partes do seu corpo, e pode transmitir sua personalidade, espiritualidade e virtudes. Van Groningen define:

“Fica bem claro que pensar nos seres humanos feitos a imagem de Deus é considerar a relação ímpar de semelhança e um vínculo amoroso, vivo; é considerar o que os seres humanos são e quais as suas capacidades ímpares que os capacitam a funcionar, a se expressar e a exercer influência”.

(GRONINGEN, 2002, pg 85)

Outro aspecto importante para mencionar do homem como a imagem de Deus é a sua natureza, que é composta de corpo e alma. Porém não devemos pensar nesta natureza de maneira separada, o homem deve ser considerado como um todo indivisível. O corpo e alma possuem o mesmo valor, e ambos foram afetados pela queda e precisam ser redimidos. Por isto, *“não basta ao homem estar em espírito junto a Deus depois da morte; para ser completo, ele precisará ter de novo seu corpo e, assim corpo e alma restaurados, o ser humano viverá feliz para sempre”.* (LIMA, 2006, pg. 161)

O homem como uma pessoa criada a imagem de Deus é este portador da semelhança de Deus que tem determinadas capacidades que o tornam dependentes do Criador, porém ao mesmo tempo responsável por suas escolhas.

Olhando para as implicações diretas no aconselhamento bíblico do homem ser criado a imagem de Deus, temos que ter em mente que mesmo não sendo amável

quando trabalhamos com pessoas devemos sempre lembrar deste fato que traz dignidade ao ser humano, e é neste ponto que esta dignidade reside, ser portador da imagem de Deus. Alguns argumentam que pelo fato de termos sido criados a imagem de Deus somos infinitamente valiosos para Ele e é por causa do nosso valor que Deus nos ama.

Essa perspectiva ignora a queda e como ela impactou a imagem de Deus no homem, o fato é que segundo o apóstolo Paulo Deus nos ama apesar do nosso pecado como expressa em Romanos 5.8 – *“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”*. Este movimento do amor de Deus é expressado por sua graça e não por nosso suposto valor. Portanto a realidade da nossa pecaminosidade é outro aspecto da doutrina do homem que tem implicações na tarefa do aconselhamento.

2.3 A NATUREZA PECAMINOSA DO HOMEM

Ser criado a imagem e semelhança de Deus é apenas uma parte daquilo que as Escrituras ensinam sobre o homem. Um aspecto importante diz respeito ao pecado.

A criação fala da glória do homem criado à imagem de Deus; porém, uma grande tragédia aconteceu com o homem: ele caiu. A doutrina bíblica do pecado não é uma doutrina muito atraente para o homem.

Hoje, a centralidade das pregações, do aconselhamento estão firmados no propósito de levar conforto e consolo e fortalecer o ego dos homens colocando este no centro de todas as questões e mostrando que independentemente de qualquer coisa ele dever ser feliz.

Os padrões absolutos de verdade estão maculados, as pessoas já não acreditam mais que algo seja totalmente certo ou errado, desta feita, o ensino sobre o pecado tem sido colocado de lado especialmente nos escritórios pastorais onde a perspectiva bíblica do aconselhamento está do lado de fora e padrões comportamentalistas e outras

teorias estão dominando o aconselhamento e púlpitos.

Esta recusa em admitir a condição decaída impede que o homem chegue e conheça realmente, e trate do verdadeiro problema da sua alma.

Portanto, compreender bem esta doutrina trará uma grande contribuição para viver melhor neste mundo. O Aconselhamento bíblico somente cumprirá seu propósito se compreendermos e reconhecermos nossas limitações e descansar em Deus onde podemos encontrar a paz verdadeira e obter a salvação de nossa alma.

A compreensão da doutrina do pecado, da natureza caída do homem não nos leva a intenção de denegrir o homem, mas de leva-lo a compreender o seu real estado e estar no lugar próprio que deve estar.

O relato da queda é descrito no livro do Gênesis capítulo 3.1-13:

“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te

ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi”.

Essa narrativa não nos dá uma explicação para a entrada do pecado no mundo, ela nos diz eu, em um determinado ponto do tempo, o pecado entrou no mundo dos homens.

Como já vimos Deus criou o homem dotado de uma dignidade única por ser portador da imagem e semelhança dele e como agentes morais livres, criaturas com habilidades de fazer escolhas, optar entre o bem ou o mal.

E com o propósito de criar condições para que o homem pudesse exercer esta liberdade, Deus estabeleceu um limite moral ao homem, Ele proibiu de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Entretanto como vimos no relato de Gn. 3 o homem exerceu sua liberdade de fazer uma escolha contra a vontade de Deus.

O que ocorre em consequência desta escolha é que o homem rejeitou o modo de vida preparado por Deus para ele, bem como da Sua vontade, inaugurando então o evento que teologicamente chamamos de queda.

Sendo assim, as Escrituras apontam para a responsabilidade do homem em ter se rebelado contra Deus. Em virtude desta ação de desobediência a Deus a humanidade tornou-se moralmente distorcida e em declínio, de modo que desse ponto em diante a humanidade sempre se inclina para fazer o mal.

A implicação direta da queda é que cada pessoa está incluída como responsável pela quebra e distorção do estado original da criação.

O relato da queda nas escrituras confronta a ideia sugerida por muitos em nossos dias que o homem não é pecador e tem intrinsecamente algo bom e que sob a condição social correta sua boa natureza emergirá. Porém se a causa de toda a desordem no mundo e do sofrimento não é do pecado, então de onde vêm esses problemas?

Muitos pensadores concluíram que devem ser produto do ambiente: ignorância, pobreza ou outras condições sociais indesejáveis; tudo de que necessitam para gerar uma sociedade ideal é criar um ambiente melhor, melhorar a educação, aumentar as condições econômicas e refazer as estruturas sociais, se as condições

forem corretas, a perfeição humana não tem limite.

Entretanto, esta cosmovisão deturpada que não leva em conta o pecado cai por terra quando observamos a disposição humana de fazer escolhas morais erradas e infligir dano e sofrimento aos outros.

E quando pensamos sobre as consequências da queda vemos que o coração do homem foi afetado totalmente.

3. CONCEITO DE CORAÇÃO E A NATUREZA ADORADORA

3.1. O CONCEITO DE CORAÇÃO

Um conceito que precisamos compreender é que antropologia bíblica se processa de dentro para fora. A nossa exterioridade é o reflexo maior do que temos dentro de nós. Um exemplo claro disto é que está registrado em Lucas 6.45: “*O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração*”. As palavras de Jesus no Evangelho de Mateus 15.19: “*Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias*”.

Esta interioridade não é meramente racional ela é religiosa, no que se refere a Deus, desta forma quando a Escritura fala sobre coração está tratando como o centro da vida do homem, Elyse Fitzpatrick mostra que *quando a bíblia menciona o coração, refere-se às três principais áreas de funcionamento do nosso universo interior: A mente, as afeições e a vontade*. (FITZPATRICK, 2017, pg. 106)

O termo coração segundo Elyse se refere em primeiro lugar a mente que abrange pensamentos, crenças, entendimento, memórias, julgamentos, consciência e discernimento.

Temos como exemplo desta ideia o que a Escritura registra nos seguintes textos:

“Eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá”. (1 Reis 3.12)

“Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados”. (Mateus 13.15)

A ideia de coração nas Escrituras denota a capacidade de pensar, entender, duvidar, raciocinar, discernir e recordar. (FITZPATRICK, 2017, pg. 106)

Outra parte que podemos remeter ao nosso interior ou coração são as afeições. Pois elas abrangem os anseios, os desejos, os sentimentos, as imaginações e as emoções.

“Porquanto não serviste ao Senhor, teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a abundância de tudo”. (Deuteronômio 28.47)

“Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem e vos salvará”. (Isaías 35.4)

Estes textos e outros da Escritura nos mostram que o coração é o centro das emoções, das imaginações, anseios e dos desejos.

Outro aspecto é a volição. Ela é a parte que escolhe ou determina quais serão nossas ações. Ela é guiada pela mente e pelas afeições quando ao melhor curso de ação, e depois age em função dele. Evidentemente, nossa volição esta corrompida e escravizada.

O coração é a fonte de nossas emoções, do nosso intelecto e nossa vida moral.

A queda afetou nosso coração de tal forma que nossas emoções, mente e vontade foram totalmente comprometidas, assim nossas escolhas são sempre contrarias ao propósito de Deus.

Efésios 2.1-2 nos mostra que o homem está morto: *“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência”.*

Este estado de natureza caída carece do agir regenerador de Cristo por meio da graça para que a imagem deturpada seja restaurada e o processo de santificação se estabeleça para uma nova vida em Cristo.

3.2. HÁBITOS ESCRAVIZADORES

A proposta deste tópico diante do que já vimos até aqui é redefinir frente ao que já constamos sobre a antropologia bíblica e o conceito de coração a maneira de olhar para a dependência química e cunhar aqui uma compreensão e propor um significado baseado nas Escrituras.

O vício é definido nos meios seculares como “*necessidade e uso compulsivos de uma substância que forma hábitos caracterizada por tolerância e por sintomas fisiológicos bem definidos após a abstinência*” (Dictionary By Merriam-Webster.com)

A ideia secular sobre definição de vício, adicção, dependência ou transtorno por uso de substâncias nos remete ao uso persistente compulsivo de uma substância reconhecida pelo usuário como sendo nociva a si.

Diante do exposto é necessário e fundamental para alcançar nosso objetivo como já exposto anteriormente compreendemos a doutrina do homem e do pecado.

Sendo assim, temos que ampliar nossa compreensão sobre a ideia do que é vício, pois não é simplesmente um comportamento compulsivo.

Edward T. Welch diz que:

Vício já foi um termo usado para o bêbado crônico, mas nas duas últimas décadas sua abrangência tem aumentado radicalmente. Hoje a lista de substâncias e desejos viciantes é limitada apenas pela nossa própria imaginação. (WELCH – 2016, pg 32)

A palavra vício é muito mais abrangente, e pode envolver pornografia, sexo, atos homossexuais, alimentação descontrolada, apostas, sono, televisão, internet, vídeo game, exercícios físicos, compras, descontrole financeiro, automutilação, para citar alguns.

Todas essas situações e muitas outras podem ser incluídas na definição de vício. O vício em substâncias psicoativas ou em qualquer uma dessas coisas citadas anteriormente, tem sua origem em um mesmo lugar, tem uma mesma motivação e, uma mesma solução. O que muda é que pessoas diferentes procuram por coisas diferentes para satisfazer um mesmo anseio do coração.

Talvez o vício em substâncias psicoativas como drogas e álcool seja um incomodo maior porque seus efeitos destrutivos são mais difíceis de esconder, aparecem mais rapidamente e parecem mais agressivos. O fato é que não importa qual seja o vício, estamos tratando de um único e mesmo problema e o seu nome é pecado, mais especificamente o pecado da idolatria.

Isso não deveria nos surpreender. Essa é a mensagem que, de alguma maneira, é pregada por toda a Escritura.

Nós fomos criados por Deus para um relacionamento especial com Ele. Um relacionamento de adoração onde nós pudéssemos encontrar nossa alegria, satisfação e descanso nEle.

Mas quando o pecado entrou no mundo e causou uma ruptura nesse relacionamento e uma rebeldia em nosso coração em relação à esse Deus, o homem que foi criado para ser adorador, trocou a glória do Criador pelas coisas corruptíveis da criação, como Paulo diz em Romanos no primeiro capítulo.

Está é a natureza do homem, ser adoradores. Adoração não é algo que acontece somente em encontros religiosos. É algo que acontece em todo o lugar em que o homem estiver. Mas o pecado cegou o coração em relação à Deus e tornou o homem centrado em si mesmo e adorador de si próprio.

Mesmo numa constante busca por uma de duas coisas e frequentemente as duas: desfrutar de prazer ou fugir da dor. Tudo que deveria ser buscado em Deus como sendo nossa fonte de alegria e prazer, nosso consolo e fortaleza, é buscado nas coisas desta terra.

O grande problema é que as coisas desta terra não têm a capacidade de satisfazer a necessidade do nosso coração, porque nós fomos criados para um Deus

infinito; Infinito em Seu ser e infinito em Seus recursos. O máximo que as coisas dessa terra podem fazer – e, de fato, elas têm a função de fazer isso – é nos dar um sinal, servir de apontamento para aquilo que é finalmente encontrado em Deus.

E é nesta perspectiva que surge o vício, porque há aspectos de verdade naquilo que o viciado procura para si. Há, de fato, prazer. Há ali um certo refúgio. Mas há ali somente apontamentos e sinais temporários do lugar final onde essas coisas podem ser encontradas na sua plenitude.

Porque o efeito desses sinais é temporário, o viciado voltará para satisfazer seu apetite repetidas vezes, tornando a procura por aquilo um hábito. Mas depois de um pico de satisfação, há também uma queda. Quanto mais alto for o nível de satisfação buscado, mais funda também é a queda – e essa queda, inevitavelmente, leva à um estado de vazio maior, e frequentemente leva à depressão. Para levantar o ânimo, ele retoma a busca por aquele prazer e o ciclo se repete; mas por linhas cada vez mais baixas.

No processo de alcançar aquela satisfação pessoal, ou na busca por fugir da dor – coisas que são, na verdade, dois lados de uma mesma moeda – o viciado transforma aquele objeto de adoração no tesouro mais precioso do seu coração. Mas todo ídolo exige sacrifícios. Ainda que o pedido não seja verbalizado, o viciado entende que a sua relação com o ídolo precisa ser cada vez mais exclusiva se ele quiser receber seus benefícios.

Então ele começa a se dispor à sacrificar as coisas que antes eram muito caras para ele, porque agora tem alguém, ou alguma coisa, que prometeu entregar tudo o que ele realmente queria. Essa promessa não se concretiza, mas os sinais dela são muito reais. Então ele clama, ele súplica para que dure um pouco mais, porque aquilo, aquela satisfação, é tudo o que importa.

Aquele ídolo é tesouro precioso, e enquanto puder trazer satisfação ao mais importante deus do universo – o próprio eu. Como resultado, todas as outras coisas, e especialmente as pessoas, começam a perder sua significação para se tornarem ou um “facilitador” ou um “empecilho”.

E isto deixa um rastro de destruição e confusão que essa falsa visão da

realidade proporciona.

Por que ser tão enfáticos neste ponto? Por que falar de pecado, de idolatria e de adoração?

Porque nós cremos que o problema do vício, da dependência química e todo o rastro de destruição que isso causa na vida do homem, no círculo dos seus relacionamentos e na sociedade como um todo, tem sua raiz na condição do coração do homem.

A centralidade do problema do vício está centrada no problema do coração. Não se trata primeiramente das experiências e das condições externas do homem, embora elas possam servir de apoio. Não se trata de um desvio de um estado de normalidade. Se trata de um coração pecaminoso que ignora o Senhor e procura nas coisas da criação aquilo que somente o Criador pode proporcionar.

Desta forma, é fundamental compreender esse ponto fundamental para alcançar o homem caído e para que a abordagem de pessoas escravizadas nestes hábitos não seja simplesmente paliativo, pode até ser que tenha uma espécie de reorientação, mas será totalmente incapaz de causar uma real transformação.

O problema do vício e da dependência em substâncias psicoativas tem seu início, não em condições externas, mas em condições internas. Não está, em primeiro momento, relacionado às questões físicas – embora essas questões tenham o seu papel – mas está relacionada às questões da alma.

Se compreendemos desta feita temos um papel primordial no alcance de pessoas com estes hábitos escravizadores como agentes da graça, pois precisamos através da pregação da palavra direcionar os homens ao único que pode transformar seus corações: o salvador, Jesus Cristo.

Embora os efeitos do vício em substâncias químicas sejam mais visíveis e mais agressivos, o viciado em drogas não difere de um viciado em qualquer outra coisa.

As escolhas que os homens fazem, às vezes facilitadas pelo seu contexto externo, podem levá-los à ídolos diferentes, mas os problemas são fundamentalmente

os mesmos. Por isso, o Senhor nos ordena pregar o Evangelho à toda a criatura, independentemente do ídolo ao qual ele está amarrado. Não importa quão terrivelmente alguém tenha bagunçado a sua vida, há esperança no poder transformador do Senhor.

É somente o Senhor Jesus Quem pode levar o homem ao relacionamento com o Criador que um dia foi quebrado. E é a igreja que Deus usa como agente proclamadora, como um ministro da graça, para trazer a solução final em Cristo.

O problema do vício tem suas raízes em problemas na alma.

3.3. PECADO OU DOENÇA?

Esta temática é importante para que não sejamos levados a pensar de forma secularista ou antibíblica. Paulo diz: *“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo”* (Colossenses 2.8).

A abordagem antibíblica, está centralizada no homem. A abordagem bíblica, por outro lado, foca em agradar à Deus, e quando isso acontece, o resultado secundário é que o homem encontrará seu prazer em Deus.

A abordagem centrada no homem pode ser vista no predomínio de algumas ideias antibíblicas como “autoajuda”, vício como “uma doença incurável” e a ideia de “processo de recuperação”. A linha de pensamento por trás desses conceitos precisa ser exposta para que a compreensão de uma visão bíblica para o aconselhamento bíblico e para o tratamento de uma pessoa em situação de vício.

A mentalidade bíblica não aceita algo como encontro de “autoajuda” pelo fato de que não há poder no homem para ajudar a si mesmo a se livrar da condição da sua alma. Ele está morto espiritualmente como já vimos. O máximo que ele pode fazer é direcionar sua idolatria e conseqüente vício para outro foco de forma que ele possa ficar limpo e sóbrio por um tempo, mas sem nenhum poder de transformação real.

Se o que desejamos é alguém limpo por um tempo, um encontro de autoajuda até pode proporcionar isso. Mas se o que desejamos é um novo coração, então ele precisa de algo que venha de fora. Ele não tem poder de se livrar de si mesmo.

O entendimento disso nos impulsiona, mais uma vez, à ir até ele. Se ele não pode se livrar dessa condição, nós podemos apresentar Aquele que pode livrá-lo. A abordagem bíblica aponta que todos os instrumentos de ajuda vêm de fora do homem; a começar pela vontade do Pai, a obra do Filho e a habitação do Espírito, podemos incluir a Bíblia, a oração, a igreja, a comunhão – todos instrumentos externos. Portanto, é necessário afastar de nós o conceito de autoajuda.

Outro aspecto é que a abordagem bíblica não trata o vício como uma doença, muito menos uma doença incurável. O vício é um estado que reflete a condição de pecado. Embora possa haver elementos físicos que impulsionem o vício, ele é, antes de tudo, um reflexo da alma.

Qual é o problema em tratar o vício como doença?

Quando aceitamos que o vício é uma doença, toda responsabilidade do viciado é colocada para fora, e como já vimos o homem é responsável por suas escolhas.

Se o vício é uma doença incurável, você tira a esperança do viciado. A posição bíblica é que há solução para o pecador e que, em Cristo, há real poder de libertação.

Como geralmente o tratamento sem Cristo não tem muitos resultados que poderíamos chamar de positivos, foi preciso criar meios para justificar os altos índices de recaída. Um dos meios seria chamar o pecado do vício de “doença incurável”.

É importante reconhecer que quando alguém está viciado em uso de substâncias químicas, essas substâncias são capazes de trazer modificações ao corpo de forma que o corpo atue fora de um funcionamento normal.

Num sentido restrito, talvez poderíamos chamar essa anormalidade de doença, porém uma doença ativa. Também é possível que o vício desencadeie outras comorbidades. Mas apesar disto, o vício é um problema de natureza pecaminosa. O corpo responderá de alguma maneira ao vício, é claro, mas a sua motivação está na

alma e não no corpo.

3.4. A INFLUÊNCIA DO CONCEITO DE CORAÇÃO NO ACONSELHAMENTO COM DEPENDENTES QUÍMICOS

A compreensão de que o problema do uso de substâncias é uma questão do coração, a forma e abordagem no aconselhamento bíblico deve nos conduzir a não somente tratar os sintomas do problema, mas a verdadeira causa não pensando somente em uma recuperação do problema apresentado, mas sim uma transformação.

O Evangelho não propõe uma recuperação. Seja alguém viciado em drogas ou não, todo homem precisa de transformação. A abordagem bíblica não deseja menos do que isso. Não se trata de conduzir o homem ao estado que ele tinha antes das drogas, nem ao menos se trata de conduzir o homem à algum melhoramento. O que todo homem precisa é de um “novo nascimento” – o homem precisamos se tornar uma nova criatura em Cristo.

Essas perspectivas precisam ser mudadas em nossos conceitos no aconselhamento, pois sutilmente elas diminuem a força do Evangelho e diminuem a nossa dependência no poder de Deus. Se nosso desejo é, em tudo, honrar à Deus e render-Lhe glória, então precisamos ser corajosos até mesmo para mudar nossa linguagem e acomodá-la ao que a Bíblia diz, mesmo que com isso incorramos na possibilidade de perder o respeito dos homens.

Sendo assim, precisamos entender que o vício tem seu início na condição de pecado do homem. Desta forma o homem precisa ouvir a proclamação da mensagem do Evangelho transformador do Senhor Jesus Cristo. E sendo transformado pela graça deve então ser submetido a um discipulado bíblico e radical para quebrar os ídolos do coração.

4. ACONSELHAMENTO BÍBLICO E DISCIPULADO COMO RESPOSTA AO PROBLEMA DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

No aconselhamento bíblico de pessoas que apresentam hábitos escravizadores ou problemas controladores da vida como já definido acima sempre nos deparamos com conflitos que se levantam constantemente.

Esses conflitos são frutos de desejos, temores, expectativas ou metas que vão contra ao propósito que Deus tencionou para cada ser humano.

Esses conflitos têm a sua origem no coração, nos anseios e desejos pecaminosos. Quando essa pessoa que vive escrava por hábitos escravizadores é alcançada pela graça de Deus agora precisa ser discipulada para que possa compreender a causa dos seus conflitos e os caminhos para restabelecer uma nova vida com familiares e outras pessoas das quais sempre foram alvo das dificuldades e problemas decorrentes dessa vida escravizada.

4.1. PLANO PRÁTICO PARA MUDANÇA

Esse processo de discipulado deve ser apresentado a pessoa para que ela esteja disposta a realizar essa caminhada e mostrar que de fato é ensinável, consciente e submisso a quem se dispôr a realizar essa ajuda. Nesse momento é fundamental usar o princípio de Efésios 4.15 de sempre “falar a verdade em amor”. A mudança não ocorrerá na esfera da teoria ou nas coisas corriqueiras. A mudança acontece quanto for tangível e mensurável. Sendo assim, o plano para resolução desses problemas precisa ser prático, mensurável e específico.

Nesse plano de estabelecimento para mudança deverá conter atividades e responsabilidades diárias a serem posteriormente prestado contas pela pessoa aconselhada. Nesse plano de mudança é necessário ficar claro quantos encontros terá

por semana com o discipulador ou conselheiro e a inclusão de um estudo bíblico diário e oração com a pessoa.

A inclusão em um pequeno grupo de discipulado em uma igreja também será muito efetivo, além de um tempo por semana para aconselhamento bíblico. Outra atividade prática produtiva é um diário escrito todos os dias, onde possa expressar seus pensamentos, orações, alvos, realizações, e o que tem aprendido.

4.2. PLANO PARA DESPOJAR E REVESTIR

No plano de trabalho da pessoa discipulada e aconselhada é necessário que ele relacione pensamentos, palavras, condutas das quais deve se despojar e relacionar o que deve se revestir. Nesse processo é importante que tanto o que deve ser despojado e revestir é importante apontar um versículo bíblico para cada conduta nova que corrobore para esse plano de mudança.

Nesse processo de vencer o conflito e caminhar para mudança tentações irão surgir, nesse momento ele precisa ser encorajado a compartilhar essas tentações para ser instruído em uma maneira de lidar com elas e evitá-las no futuro. Evitar essas tentações é impossível, mas temos um caminho que é clamar por sabedoria em meio as dificuldades como nos instruí Tiago 1.5: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida”. E trabalhar que a causa dessa tentação está em: “..sua própria cobiça, quando está o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.” Tiago 1:14,15.

Sendo assim devemos instruí-los a trabalhar naquilo que efetivamente consegue fazer e não naquilo que não pode. Deus chama isso de revestir-se. E aqui é importante mostrar que as condutas do revestir-se serão muito mais prazerosas, investindo tempo na presença de Deus, na adoração, com a família, com os amigos, lendo, estudando, ajudando outros. Essas condutas o levaram a relacionamentos mais

significativos e os conflitos serão cada vez mais reduzidos e serão geridos pela graça de Deus na vida do discípulo.

Outro passo nesse processo é uma mente renovada, pois essa renovação irá fortalecer o passo do revestir-se conforme Efésios 4.22-24: “No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”. Somente nesse processo com a mente renovada pelo Espírito Santo e pela palavra de Deus ficará livre dos problemas controladores e dos hábitos escravizadores que o levam para conflitos com Deus e com as pessoas.

Diante disso, baseado nesse texto temos três passos muito importantes nesse caminho.

Primeiro despojar-se de pensamentos, palavras e condutas ímpias e destrutivas. Segundo renovar o espírito da mente com verdades bíblicas compreendidas por meio da iluminação do Espírito Santo. Terceiro revestir-se de pensamentos, palavras e condutas justas semelhantes a Cristo.

4.3. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Todo esse plano que estabelecemos acima tem um fator primordial que é ação do Espírito Santo tanto na vida do discípulo quanto do discipulador ou conselheiro.

O cristão não pode jamais depender da autoajuda, ou do poder da vontade, ou da sua própria força apenas. O cristão é completamente dependente do poder residente do Espírito Santo para implementar com êxito esse plano de mudança. De fato, se não houver novo nascimento a pessoa continuará escravizada pelo pecado. O homem é incapaz de resolver o problema do pecado por si mesmo, precisa da ação sobrenatural do Espírito Santo agindo e sua vida e a transformação em Jesus, somente assim terá condições de resolver seus conflitos e com outras pessoas.

O verdadeiro cristão recebe o Espírito Santo uma vez que é salvo, a bíblia nos ensina que Ele habita naquele que nasceu de novo e vive dentro do regenerado conforme diz João 14.17: “O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”.

Essa promessa nos dá a certeza de que aquele que foi justificado será alvo da graça de Deus para ser transformado dia a dia pela ação do Espírito Santo.

Deus nos dá recursos em Sua Palavra e o Espírito Santo nos capacita a trilhar esse caminho da obediência.

“Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo, por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora. Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Por esta razão, sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados acerca destas coisas, embora estejais certos da verdade já presente convosco e nela confirmados”. (2 Pedro 1:3-12)

CONCLUSÃO

A doutrina do homem criado como pessoa a imagem e semelhança de Deus nos permite compreender que este é responsável por suas escolhas e carece de redenção em Cristo. Diante disto cremos que alguns passos são importantes na abordagem bíblica desta temática.

O primeiro passo é proclamar o Evangelho de Jesus Cristo com fidelidade, clareza e precisão às pessoas em situação de vício. Elas precisam ser impactadas pela realidade revelada na Escritura, de modo que a sua falsa visão de mundo, seus ídolos e suas falsas expectativas sejam combatidas e derrubadas, abrindo terreno para as boas-novas de salvação.

O segundo passo é estender a proclamação da mensagem da Cruz por meio de encontros de estudo onde haja oportunidade de interação de forma que a sublime mensagem do Evangelho encontre o pó da terra sendo aplicado diretamente às questões do dia a dia dos envolvidos. Este discipulado e aconselhamento bíblico é fundamental para direcionar para ter satisfação total e exclusiva em Cristo.

O aconselhamento bíblico é peça chave nesta caminhada e juntamente com o discipulado é necessário investir tempo no discipulado pessoal no mínimo entre 4 e 8 horas durante a semana para acompanhamento particular por, no mínimo, 3 meses.

Nesta caminhada o conselheiro e discipulador precisa ter em mente que sua responsabilidade fundamental é “falar a verdade em amor” (Efésios 4.15). Uma vez que o aconselhado esteve acostumado à uma visão de mundo equivocada e à se entregar à falsas esperanças, um padrão de mentiras é algo muito comum para ele.

Dessa forma, o conselheiro precisa ter a sensibilidade de não permitir que as mentiras continuem enraizadas no coração do aconselhado; mas precisa fazer isso com um espírito gentil e misericordioso, entendendo, sinceramente, que é tão necessitado da graça quanto o aconselhado.

O conselheiro precisa manter a paciência entendendo que a transformação do

aconselhado vem por meio de um processo que envolve o “*despir-se*” de atitudes do velho homem, “*renovar o entendimento*” na verdade e “*revestir-se*” do novo homem criado em Cristo Jesus (Efésios 4.21-24). Para isso é importante que o conselheiro faça uma lista concreta do que precisa ser deixado, do que precisa ser renovado na mente e com quais atitudes o discípulo ou aconselhado precisa se vestir.

Esse processo precisa ser acompanhado de uma rotina estabelecida em acordo com o aconselhado, de modo que ele não tenha tempo ocioso, mas preencha o seu tempo com leituras bíblicas, participações em grupos de estudo, orações, trabalho, ajuda à outros e atividades escritas. Tudo com horários bem definidos e organizados.

O aconselhado precisa dar sinais crescentes de responsabilidade, gratidão e submissão para que o programa continue. É claro que o conselheiro deve aprender a lidar com possíveis recaídas, mas elas precisam vir acompanhadas de arrependimento sincero e novas aberturas para a continuidade da caminhada.

O aconselhado pode sentir que sua vida esteja sendo controlada naquele período. Mas é importante que seja até que ele adquira a capacidade de, pelo poder de Cristo, manter um autocontrole e uma rotina saudável. No entanto, isso não significa que o conselheiro deva tomar decisões por ele. O aconselhado precisa tomar suas próprias decisões e lidar com os resultados que elas trazem. Exercer certo controle da rotina não significa exercer domínio sobre o aconselhado (1 Pedro 5.3).

Todo esse processo deve ser acompanhado de muita oração em favor da pessoa aconselhada. Afinal, não é propriamente um programa que traz transformação, nem a habilidade do conselheiro, mas é somente o Deus soberano que pode intervir, transformar, renovar e conduzir os homens à Sua presença, tornando-Se a fonte infinita de alegria e o mais seguro refúgio.

Nosso alvo é simplesmente colocar em prática o chamado que Deus para fazer discípulos de todas as nações. Essa é a abordagem de tratamento que Deus estabeleceu para a transformação dos homens. Ela não exige recursos extravagantes nem habilidades incomuns.

Mas se obedecermos a este chamado nós, certamente, seremos surpreendidos pela ação do poder transformador do Senhor e veremos aqueles que não tinham

nenhuma esperança, que estavam escravizados pelo vício, sendo libertos e desfrutando da satisfação que todos procuram em muitos lugares, mas que só pode ser encontrada no Senhor Jesus.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR, L. R., & PILLON, S. C. (2005). Percepción de tentaciones de uso de drogas en personas que reciben tratamiento. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13, 790-797
- BABLER, John & ELLEN, Nicolas. **Fundamentos Teológicos do Aconselhamento Bíblico e Suas Práticas**. Nutra, 2017.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 5 ed. Campinas- SP. Luz Para o Caminho. 1998.
- CALVINO, João. **Institutas Da Religião Cristã**. Edição de 1536. São Paulo. Cultura Cristã. 2004.
- Confissão de Fé de Westminster**, 17º ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2001.
- CONRAD, P.; SCHNEIDER, J. W. **Deviance and medicalization. From Badness to Sickness**. Philadelphia: Temple University, 1992.
- DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira. **Fé na Prevenção: Prevenção do Uso de Drogas em Instituições Religiosas e Movimentos Afins**. Brasília. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 2011.
- FIGLIE, Nelina Buzi; BORDIN, Selma, LARANJEIRA, Ronaldo São Paulo. **Aconselhamento em Dependência Química**. Roca, 2018.
- FITZPATRICK, Elyse. **Ídolos do Coração**. São Paulo. Vida Nova. 2017.
- FITZPATRICK, Elyse. **Ídolos do Coração**. Vida Nova. 2017.
- GRONINGEN, Gerard Van. **Criação e Consumo**. São Paulo. Cultura Cristã. 2002.
- HOEKEMA, Anthony. **Criados a Imagem de Deus**. São Paulo. Cultura Cristã. 1999.
- HOEKEMA, Anthony. **Criados a Imagem de Deus**. São Paulo. Cultura Cristã. 1999.
- [HTTP://PEPSIC.BVSALUD.ORG/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S1806-69762017000200002&LNG=PT&NRM=1](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762017000200002&lng=pt&nrm=1)

[HTTPS://WWW.UNASUS.UNIFESP.BR/BIBLIOTECA_VIRTUAL/ESF/1/CASOS_COMPLEXOS/VILA_SANTO_ANTONIO/COMPLEXO_12_VILA_ABORDAGEM_DEPENDENCIA.PDF](https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/casos_complexos/vila_santo_antonio/complexo_12_vila_abordagem_dependencia.pdf)

[HTTPS://PORTAL.FIOCRUZ.BR/NOTICIA/PESQUISA-REVELA-DADOS SOBRE-O-CONSUMO-DE-DROGAS-NO-BRASIL](https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil)

LARANJEIRA, Ronaldo. ZANELATTO, Neide A. **O Tratamento da dependência Química e as Terapias Cognitivo – Comportamentais, Um Guia Para Terapeutas**. São Paulo. Artemed, 2018.

LIMA, Leandro Antonio. **Razões da Esperança – Teologia para Hoje**. São Paulo, Cultura Cristã. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2001). Transtornos devido ao uso de substâncias. Em Organização Pan-Americana da Saúde & Organização Mundial da Saúde (Orgs.). Relatório sobre a saúde no mundo. Saúde Mental: nova concepção, nova esperança (pp. 58-61). Brasília: Gráfica Brasil.

SHAW, Marck E. **O Coração do Vício – Uma Perspectiva Bíblica**. Eusébio – CE - Peregrino e ABCB.2018.

SHAW, Marck E. **Intervenção Divina – Esperança e Socorro para Famílias de Dependentes Químicos**. Eusébio – CE - Peregrino e ABCB.2017.

WELCH, Edward T. **Hábitos Escravizadores – Encontrando Esperança no Poder do Evangelho**. Nutra, 2016.

WELCH, Edward T. **Hábitos Escravizadores – Encontrando Esperança no Poder do Evangelho**. São Paulo. Nutra, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Global status report on alcohol**. Genebra: WHO, 2004.